

# A gramática do comportamento na relação médico-doente

A. BRACINHA VIEIRA \*

Pouca atenção tem sido prestada aos movimentos, variados e complexos, que acompanham a comunicação verbal de cada sujeito humano, quer durante a produção do discurso, quer durante a sua audição. Vamos procurar transmitir, de forma obrigatoriamente resumida, uma ideia da diversidade e do valor desses movimentos para-linguísticos na comunicação, principalmente no âmbito da relação médico-doente, e no quadro de considerações e questões suscitadas em comunicação anterior (Vieira, 1980 b). Procuraremos expor investigações e a sistematização teórica conduzidas nos últimos dez anos por Paul Ekman (do Departamento de Psiquiatria da Universidade da Califórnia) e os seus colaboradores, nomeadamente Wallace Friesen — juntando um comentário pessoal ao significado dos resultados obtidos por estes autores, e tentando para eles um enquadramento teórico.

No início da década de setenta, ao decidirem-se pela tarefa prometaica de decifrar as expressões (sobretudo faciais) dos seres humanos em interacção, Ekman e o seu grupo herdavam um domínio quase vedado, análogo ao das ciências físicas no séc. XVI, ou ao da Biologia da evo-

lução no fim do séc. XVIII: situação tanto mais anómala quanto a linguagem verbal era já então objecto de modelos complexos e elaborados da Linguística, enquanto os aspectos inconscientes da linguagem permaneciam no 'inconsciente científico' do século XX.

Os trabalhos do grupo da Califórnia têm seguido uma *metodologia etológica* (nem sempre em obediência à *teoria etológica* objectivista clássica) em paralelo estrito com uma descrição fenoménica das disposições interiores dos sujeitos, procurando as correlações e interacções entre a vivência, a palavra falada e a mímica dos seres humanos em relação. Tais elementos, aplicados à leitura da relação médico/doente, podem constituir um extenso domínio de investigação; transpostos para o campo da Psicopatologia, hão-de se revelar, supomos, de grande valor heurístico.

O método utilizado por Ekman e colaboradores consiste no registo de movimentos mímicos, sem conhecimento dos sujeitos observados, em situações aferidas ou semi-aferidas; ou na resposta a questionários visando a expressão mímica, como por exemplo:

I — Mostrar a pessoas de determinadas populações imagens que reproduzem certas mímicas, questionando os sujeitos so-

\* Professor na Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa.

bre o sentimento que essas imagens lhes evocam.

II — Pedir a pessoas de várias proveniências étnicas que reproduzam com a face a mímica que teriam exibido em situações exemplares de natureza emocional intensa e específica.

III — Registrar as reacções mímicas de espectadores perante filmes que mostram situações agradáveis, violentas, tristes, etc., provindo esses sujeitos de diversas nações e culturas, encontrando-se ora sozinhos, ora acompanhados, e comparar as suas respostas.

IV — Pedir a crianças de várias idades que reproduzam mímicas faciais compatíveis com emoções e sentimentos que lhes são propostos.

Assim se detectam significantes quase sempre discretos, constituindo um fluxo de informação que percorre e sinaliza o discurso verbal. Este lado obscuro do discurso revela-se primordial na comunicação, e contém de facto a chave da empatia. Tais fenómenos caem no domínio do que Thomas Sebeok chama a *zoosemiótica*, disciplina em que se tocam duas esferas antitéticas do discurso científico — a Etologia e a Semiótica — e que, na espécie humana, descreve as inter-relações entre os processos verbais e não verbais (Sebeok, 1975).

Do ponto de vista descritivo, encontram-se inúmeras unidades de comportamento, isto é, movimentos elementares, com ou sem papel na comunicação; e diversas configurações significativas com papel expressivo comprovado. Através de uma rede aferida de leitura — o *Facial Action Coding System* (Ekman e Friesen, 1978) — torna-se possível reconhecer e descrever na face humana quarenta e quatro unidades de acção, «unidades mínimas que são anatomicamente individua-

lizáveis e visualmente distintas» (Ekman, 1979). Com estes quarenta e quatro átomos do movimento facial do Homem, a partir das suas inúmeras combinações, matizes e conjunções possíveis, modela-se todo o complexo jogo mímico da face — assim como com os noventa e dois elementos da Tabela periódica de Mendeleiev se constrói o universo.

Uma das estruturas anatómicas mais intervenientes na gramática facial do comportamento é constituída pelas sobrancelhas. Segundo Ekman, podem-se distinguir sete unidades de acção distintas a partir das sobrancelhas, conduzidas por diferentes músculos ou grupos musculares, embora nem todos estes sinais sejam utilizados na comunicação (Ekman, 1979). Tais unidades não se podem, naturalmente, dissociar do conjunto de sinais emitidos pelos olhos e os seus anexos (cf. Vieira, 1980 b), nem tão pouco, a um nível global, do conjunto de signos mímico-gestuo-posturais produzidos pelo sujeito em situação, num momento dado da interacção e no quadro de uma intencionalidade.

Uma das fases de decifração dos paralinguísticos consiste em obter um registo completo e discriminado das unidades de acção com valor semiótico, em paralelo com o discurso verbal (produzido ou captado), inscrevendo os movimentos e os seus tempos de início e termo para cada interlocutor — como na pauta de um maestro, onde estão assinaladas as pautas parcelares dos diversos instrumentos — permitindo analisar a interacção dos seus efeitos ponto por ponto. A outra face consistirá, quanto a nós, em passar do plano *zoosintáctico* para o *zoosemântico* (no sentido de Sebeok, *op. cit.*), fixando as configurações pregnantes que adquirem valor na comunicação; em vez de descrever os traços elementares, distinguir os conjuntos formais, no contexto de uma intencionalidade — como se, na audição de um

concerto, se esquecessem as notas e os compassos para concentrar a atenção nos *leitmotiv* que comunicam sentimentos precisos.

Estes dois planos da hermenêutica dos signos não verbais podem desenvolver-se sem que se ponha a questão teórica sobre a natureza filogenética *versus* cultural dos fenómenos motores em estudo. Utilizou-se o método etológico adaptado à relação humana, separado da textura teórica da Etologia, de modo a que a observação, registo e interpretação dos movimentos mímico-posturais que intervêm na comunicação decorram sem qualquer pressuposto sobre a quota parte do inato e do adquirido. O que não exclui a proposta de constructos teóricos, essenciais para o avanço da investigação neste domínio (*cf. infra*).

Ekman distinguiu as seguintes categorias de comportamentos não verbais relacionados com a comunicação:

I. Os *emblemas (emblems)* são signos mímico-gestuais simbólicos, tão precisos como palavras ou frases, contendo um sentido preciso para cada língua ou dialecto. Variam regionalmente, de subcultura em subcultura, tanto em configuração como em número, e não se conhece nenhum grupo humano em que não se encontrem — nomeadamente com as funções de assinalar cumprimentos e despedidas, aquiescência e não aquiescência, insultos e injúrias, a direcção decidida para a locomoção, certas características do estado afectivo e/ou físico (v. g. o cansaço) do sujeito, etc.

Nas culturas que foram estudadas sob este aspecto, os emblemas contam-se entre menos de cem, nas classes médias das cidades norte-americanas, e várias centenas, em populações israelitas (Ekman, 1977). Podem-se observar séries encadeadas de emblemas na comunicação entre pessoas que não falam uma língua co-

mun, em ambientes de barulho ensurdecedor, e em certos contextos violentos, provocatórios e obscenos. A linguagem dos surdos-mudos (ultimamente ensinada, com sucesso variável, aos Pongídeos) é uma linguagem emblemática.

Na relação médico/doente, e sobretudo na relação psiquiatra/doente psiquiátrico, podem surgir emblemas, p. ex., em estados de leve negativismo<sup>1</sup>, em que o doente prefere essa modalidade expressiva; ou em psicopatas, que trazem à entrevista o seu *jargon* emblemático; ou ainda, algumas vezes, como sinal de intenção, v. de intenção suicidária. Neste último caso, o emblema, cuja forma decorre do instrumento agressivo suposto utilizado, tem afeição cultural: não simulando uma pistola, com o indicador apontando a região temporal; na América do Norte; punho fechado descrevendo o movimento de *hara-kiri*, no Japão; mão aberta envolvendo a garganta, em posição de enforcamento, em populações da Nova-Guiné (Ekman, 1977).

II. Nas *manipulações corporais (body manipulators)*, o sujeito toca ou manipula um ponto do seu corpo ou do seu vestuário. Incluímos este tipo de comportamento no grupo natural mais lato das *actividades derivadas* — que compreende *actividades de deslocamento, movimentos de intenção e actividades em vazio* (Vieira, 1980 a). As 'manipulações' surgem em situações de tensão, ambiguidade ou conflito motivacional, leve ou intenso, pelo que se tornam mais frequentes e mais vivas em condições relacionais de angústia e/ou perplexidade. São por isso frequentes na relação médico/doente, já que o doente emite muitas vezes os seus sinais num estado emotivo intenso; e são habi-

<sup>1</sup> O negativismo nos seus graus e feições diversos, pode ir desde simples preservação até situações de mutismo e ecolália.

tuais, em ambos os sujeitos, na relação psiquiatra/doente psiquiátrico.

Reflectem os grandes comportamentos instintivos da espécie — alimentar, hípnic, *grooming*, cuidados com a pele, sexual, lúdico, agonístico. Temo-los visto evoluir entre um nível de para-linguísticos, um nível prático e um nível de sintomas motores de expressão neurótica, acentuando-se então o seu desenho expressivo, e adquirindo um papel, em parte consciente, na comunicação emocional do neurótico (Vieira, 1980 *a*). Oscilam, assim, entre um plano ligeiramente subvoluntário e planos profundos do Eu, independentes da vontade.

III. Os *sinais da conversação (conversational signals)* são movimentos subtis da mímica que aparecem como contraponto (em sentido musical) à linguagem verbal, de um modo habitualmente não consciente. O seu estudo tem sido curiosamente negligenciado, embora pareça estar neles a chave do sucesso ou insucesso da relação, e o próprio fundamento da empatia. — Como registar, classificar e entender fenómenos tão fugazes, discretos e problemáticos?

Ekman refere entre os sinais da conversação, sobretudo faciais, os que são produzidos: 1 — pelo locutor; 2 — pelo auditor; e 3 — pelas duas ou mais pessoas, quando conversam sem palavras (Ekman, 1979), e distingue entre os signos produzidos diversas categorias, de que referiremos apenas:

1) *Acentuações (batons)*: são movimentos das mãos que acentuam certas palavras ou sons verbais. Têm o valor de um reforço assertivo, conferindo ênfase a um dos pontos culminantes da mensagem, tendo-se chegado a admitir que um mesmo circuito neurológico envia impulsos simultâneos para os músculos glóticos e faciais (Ekman, 1979).

2) *Sublinhados (underliners)*: são movimentos que acentuam não uma palavra mas uma sentença verbal. Muitas vezes coincidem com subidas de intensidade ou com a acutização de sons verbais, com pausas entre as palavras pronunciadas, etc., interagindo em jogo retórico com a palavra falada. Podem funcionar como sublinhados alguns movimentos das mãos, requebros posturais, olhar fixo, movimentos faciais, etc. Observam-se diferenças no repertório dos sublinhados entre os diversos indivíduos em interacção (na dependência das estruturas de personalidade, graus de dominância, etc.) e entre os grupos humanos (no plano das culturas e das subculturas).

3) *Ideógrafos (ideographs)*: indicam e guiam a direcção proposta para o discurso.

4) *Cinetógrafos (kinetographs)*: descrevem uma actividade humana ou não humana enquanto é referida no discurso verbal.

5) *Pictógrafos (pictographs)*: traçam no espaço a forma de um objecto que é referido.

6) *Ritmógrafos (rhythmics)*: marcam o ritmo de um fenómeno considerado.

7) *Espaciais (spacials)*: indicam relações espaciais entre objectos descritos.

8) *Indicativos (deictics)*: são movimentos que apontam o objecto ou o fenómeno a uqe se referem.

9) *Pontuantes (punctuation)*: surgem entre os termos de uma série de objectos que se enumeram verbalmente, e equivalem a vírgulas.

10) *Marcadores de perguntas (question mark)*: são produzidos enquanto o sujeito procura a expressão adequada, e indicam que o locutor continua a procurar a palavra apropriada, que o débito do discurso

vai prosseguir para além daquela pausa; retiram, assim, ao(s) interlocutor(es) a ocasião de tomar(em) a palavra. Consistem, por vezes, em movimentos das mãos, como que arrancando no espaço as formas pretendidas; outras vezes constam de sons não articulados — ââhh... ôôhh... — que se podem acompanhar de um abaixamento das sobrancelhas. Alguns, aproximam-se de movimentos de intenção.

IV. *Expressões emocionais.* Aceita-se hoje, geralmente, que certas emoções são expressas por padrões específicos da mímica facial, com carácter universal. Contudo — principalmente quando a emoção é só esboçada — o sujeito pode interferir com a sua própria expressão, modificar os sinais que manifestam o seu estado emotivo, suprimi-los, ou acentuá-los intencionalmente. Há, portanto, aqui, uma interacção entre componentes voluntários e involuntários da comunicação: mas à medida que a emoção se aprofunda, perde-se o domínio do sujeito sobre a sua expressão.

Reciprocamente, o sujeito pode simular com a mímica uma emoção que não sente, e o aspecto fictício da sua fisionomia, embora possa diferir em pormenores do de uma expressão genuína, costuma passar despercebido dos interlocutores. Por outro lado, certas normas culturais (*display rules*) filtram a permissividade das emoções, e decidem «quem pode mostrar tal emoção, e a quem» (Ekman, 1979).

Os 'universais' podem, assim, ser reprimidos sob influência sócio-cultural, ou contaminados por mímicas estranhas, em obediência a um ideal do grupo ou a uma estratégia da personalidade: assim, por exemplo, um filme impressionante provocou respostas mímico-emocionais semelhantes em espectadores norte-americanos e japoneses; mas, visto na presença de uma segunda pessoa, levou os espectadores americanos a exprimir emoções

mais vivas e mais francas do que os japoneses, que escondiam sentimentos de repugnância, dor, frustração e medo sob a máscara de um sorriso (Ekman, 1979).

Só em relação à expressão facial de seis emoções — medo, surpresa, fúria, tristeza, repugnância e satisfação — se provou haver universalidade (Ekman, 1979). Mas todos estes termos, que têm conotações históricas fixadas pela língua, de valor impreciso, sobretudo intuitivo, podem não delimitar autênticas 'unidades emocionais'. De resto, o próprio termo emoção deve ser explicitado e claramente delimitado no sentido que se lhe atribui, sem o que a sua utilização nos domínios da Etologia animal e humana se revelará aleatória (Masters, 1979).

A própria caracterização de uma mímica humana aparentemente familiar e homogénea pode ser fonte de imprecisão e erro: assim, por exemplo, o sorriso revelou-se uma denominação ambígua, por corresponder a mímicas diferentes e que reflectem diversas intencionalidades, resultando da contracção de cinco músculos separadamente — grande zigomático, pequeno zigomático, bucinador, risorius e caninus. Só quando é produzido pela acção do grande zigomático é que traduz uma vivência de alegria genuína (Ekman, Friesen, Ancoli, 1980).

Só recentemente se procurou avaliar o papel da simetria/assimetria das mímicas emotivas na comunicação. As que correspondem a matizes afectivos 'positivos' (satisfação) costumam revestir configuração simétrica, como acontece com o sorriso dependente da acção do grande zigomático. Pelo contrário, se o sorriso não é espontâneo, mas intencional, correspondendo a uma vivência de afecto 'negativo' (como quando ocorre nas mímicas dos japoneses que, acompanhados, assistiam à projecção de filmes impressionantes), torna-se com frequência assimétrico, e quase sempre mais nítido à esquerda do

que à direita (Ekman, 1980; Ekman, Hager, Friesen, 1981).

De nosso conhecimento, não há estudos quantitativos em que este tipo de investigação se aplique a doentes psiquiátricos. Sabemos, relativamente a doentes esquizofrénicos, como é comum a assimetria mímico-facial; mas ignoramos até que ponto certos fenómenos psicopatológicos como a ambitendência, a clivagem, a despersonalização, as ideias de influenciamento, o 'síndrome de acção exterior', a intencionalidade delirante, e sobretudo o efeito de alucinações verbais<sup>2</sup>, quando injuntivas e cominativas, podem transformar a expressão das emoções, romper as formas *pregnantes* expressivas, ou transformar o seu aspecto 'universal', eventualmente a sua simetria.

No mesmo plano, não sabemos quantitativamente como é que a controversa mímica dos pais de futuros esquizofrénicos (ou destes sobre aqueles) pode agir como vector causal da psicose ao longo da ontogénese — como foi suposto por alguns autores, v. com a *teoria do paradoxo injuntivo (double bind)*, e refutado por outros (cf., p. ex., Weiner, 1980). Trata-se, em todo o caso, de um domínio imenso aberto à investigação, e que constitui uma *terra incógnita*.

O reconhecimento trans-cultural das mímicas das emoções foi, entretanto, documentado: mesmo entre populações sem contacto com o mundo tecnológico (v. aborígenes da Nova-Guiné), as fotografias de mímicas emocionais expressivas eram reconhecidas como tal; e as reproduções de mímicas adequadas a sentimentos emocionais propostos correspondiam às que se encontram nas outras etnias estudadas (Ekman, 1977).

<sup>2</sup> As alucinações auditivo-verbais alteram a relação diádica com o médico, quando se produzem durante a entrevista, e introduzem outras «personagens», sem mímica mas não necessariamente sem para-linguísticos (que podem transparecer nas intonações com que as vozes são proferidas, nos risos que as acompanham, etc.).

A expressão surge, assim, como veículo da emoção que a comunica, revela ou mascara perante terceiros: «*Se B percebe a expressão facial de emoção de A, o comportamento de B para com A pode modificar-se, e a detecção dessa mudança por A pode influenciar a própria experiência da emoção experimentada por A*» (Ekman, Friesen, Ancoli, 1980). Tal é a fina e subtil rede de influências e contra-influências que, no plano mímico e no plano verbal, envolve a relação e decide do seu curso.

*Respostas mímicas do auditor.* Enquanto escuta, o auditor produz diversos movimentos, em tempos determinados do discurso que capta (Dittman, 1972, in Ekman, 1979). Trata-se, muitas vezes, de movimentos que indicam aquiescência, mostrando que o auditor não só mantém a sua atenção mas compreende e, eventualmente, se identifica com a opinião do locutor. Pode então o ouvinte produzir acenos de cabeça (equivalentes a «sim... sim...»), ou sorrisos, com um movimento de elevação de sobrelhas, ou ainda sons guturais de aprovação («hum... hum...»), ou uma palavra de apoio e incitação sem outro conteúdo semântico (equivalente ao português «pois... pois...»).

Mas os movimentos do auditor podem também exprimir incompreensão, discordância, estranheza ou incredulidade pelo que é afirmado. A intenção de tomar a sua vez, activamente, no diálogo, pode ser marcada por movimentos peri-buciais, por vezes acompanhados de um som respiratório — comportamento análogo ao de certos movimentos de preparação para o vôo de certas aves, que pertence, como eles, ao domínio dos *movimentos de intenção*.

Na relação psiquiatra/doente psiquiátrico, o papel de auditor cabe, fundamentalmente ao primeiro (o que polariza e constrange as regras do diálogo livre), e é o estudo do seu comportamento não

verbal durante as entrevistas que pode revelar o sentido das suas respostas mímicas, gestuais e posturais, em conexão com o discurso produzido pelo segundo. Neste caso, haveria que registar os sinais emitidos de ambos os lados, e referi-los à intencionalidade de um e outro interlocutores, no contexto da relação. Que sinais 'negativos' — explícitos ou atenuados — envia, por exemplo, o psicoterapeuta quando a entrevista se prolonga contra a sua vontade, suscitando a sua impaciência, cada vez menos contida? Ou quando a estratégia discursiva do doente contraria a sua própria estratégia terapêutica? Que tipo de linguagem não verbal produz então, sem dela ter consciência plena, e que sinais contra-transferenciais pode veicular, em consonância (ou em clivagem) com as suas mensagens verbais — e quais as consequências que daí advêm para a empatia, o elo transferencial, e a eficácia terapêutica? <sup>3</sup>

*Aspectos teóricos e metodológicos.* Qual o grau de participação da filogénese e da cultura nesta ordem de fenómenos? Eis um ponto problemático, que se encontra no centro das controvérsias teóricas sobre a natureza da linguagem (Piattelli-Palmarini, ed., 1979; Parker, Gibson, 1979). A maior parte dos autores inclina-se, hoje, para aceitar que algumas das expressões emocionais contêm um núcleo não aprendido, enquanto os sinais conversacionais são produto de aprendizagem cultural (Ekman, 1977, 1979). Daí a 'universalidade' <sup>4</sup> das primeiras (*cf. supra*) e a relatividade cultural dos segundos.

<sup>3</sup> Sob este aspecto, convém não esquecer que somos mais capazes de dominar a vertente verbal da nossa linguagem do que a sua vertente mímico-gestual, e que a nossa 'verdade íntima' é mais fácil de dissimular mediante sentenças racionais que produzimos do que através das mímicas que as contra-pontuam.

<sup>4</sup> Que não implica necessariamente a sua origem biológica, embora constitua um elemento de forte presunção nesse sentido. Seria importante, neste contexto, o estudo seriado e comparativo das expressões emotivas e sinais conversacionais: I — em doentes com lesões cerebrais localizadas; II — oligofrénicos; III — em psicóticos, nas diversas fases de evolução da doença.

Entre os dois grupos de fenómenos observam-se diferenças valorizáveis quanto à sua respectiva origem. Os sinais conversacionais são raros quando o sujeito se julga não observado (se bem que ocorram quando rememora ou antecipa, fantasiando, um encontro, e o que nele disse e ouviu, ou dirá; e também quando percebe vozes alucinatórias); as expressões emocionais, pelo contrário, verificam-se com frequência quando o sujeito se julga não observado. As expressões emocionais surgem, no decurso da ontogénese, antes da maior parte dos sinais conversacionais, e antes da linguagem verbal; as respostas de aquiescência do auditor são raras antes dos cinco anos de idade; e os emblemas raras vezes se desenvolvem com nitidez antes da fala (Ekman, 1979).

O carácter quase voluntário — ou antes, facilmente vulnerável à acção da vontade — dos movimentos de conversação, opõe-se ao carácter involuntário, ou dificilmente interferido pela vontade, das emoções e seus correlatos motores. Os movimentos voluntários da face, e bem assim os sinais conversacionais, são perturbados por lesões da via piramidal, como se sabe; isso não acontece em relação às expressões emocionais espontâneas. As vias neurológicas que comandam os sinais de conversação e emotivos são diferentes, portanto: os primeiros dependem da via piramidal, os segundos de vias extra-piramidais (Ekman, 1980). Assim, os centros reguladores de uns e outros destes signos situam-se a profundidades diferentes do nevraxe, implicando diversa participação da vontade na sua execução.

Admitimos que, quando o locutor se encontra em situação de tensão ou de cansaço (ou em certas formas monologadas e hiper-expressivas de locução — v. g. ao declamar, ao cantar, etc.) podem os sinais conversacionais que emite aumentar em

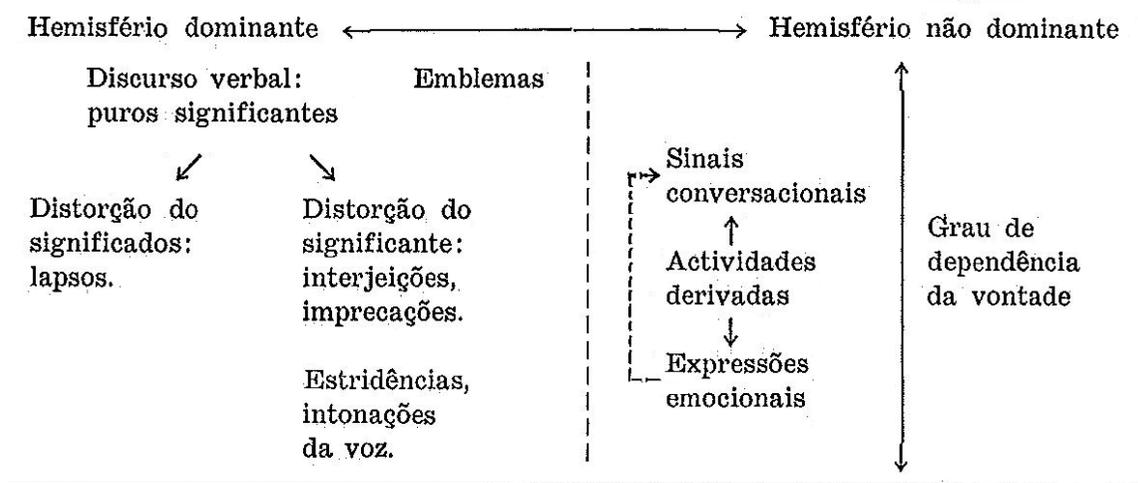
intensidade expressiva, distorcer-se e aproximar-se da natureza de mímicas emocionais. Parece-nos verosímil admitir que a conversação recorre ocasionalmente a sinais conversacionais deduzidos de máscaras emotivas, cuja força expressiva transpõem para um nível para-linguístico.

Os factores biológicos (específicos), sócio-culturais e individuais constituem três instâncias, em parte sobreponíveis na sua influência, da origem de cada um dos grupos de para-linguísticos<sup>5</sup>, podendo admitir-se que: I — os emblemas são plenamente voluntários e inteiramente dependentes da cultura; II — as expressões emocionais são de origem filogenética, mas podem sofrer transformações acessórias, v. inibição, sob influência cultural; III — os sinais conversacionais são aprendidos no âmbito do grupo, mas produzem-se quase independentemente da vontade;

IV — as actividades derivadas são de natureza biológica, mas de afeiçoamento cultural, mais ou menos independentes da vontade. Sempre que, na interacção, o componente racional (cognitivo) se 'dissolve' e *desce de nível* (em estados de tensão, perplexidade, angústia, como é tão frequente durante a entrevista psiquiátrica), o componente pulsional (anímico) aumenta a sua participação no fluxo dos signos produzidos pelo locutor, e eventualmente pelo auditor.

Representámos num esquema, no âmbito do modelo de camadas sobrepostas da personalidade (neo-jacksoniano) que nos tem orientado em trabalhos anteriores, o grau de dependência da vontade dos diversos componentes da linguagem. Porém, a representação por camadas sobrepostas deverá também integrar a assimetria das funções hemisféricas do cérebro humano.

*Grau de dependência da vontade e das funções hemisféricas dos diversos componentes da linguagem*



<sup>5</sup> Tem-se discutido a importância relativa da filogenia e da ontogenia no desenvolvimento e forma dos sinais de conversação e emocionais, podendo-se admitir como hipótese o valor adaptativo de certos para-linguísticos na comunicação. As sobrancelhas, por exemplo, elevam-se sempre na surpresa e baixam na fúria, levantando-se durante os cumprimentos: se alguma função adaptativa daí advém — por alargamento ou estreitamento do campo visual, conforme os casos — pode-se admitir a selecção e fixação de tais sinais, de modo a que desempenhem uma função

específica (Ekman, 1979). Sabe-se como alguns autores que adoptaram modelos inatistas da linguagem admitem a pro-pensão biológica do cérebro humano para 'gerar' uma gramática que se desenvolve segundo padrões fixos geneticamente — em analogia com o traçado das teias das aranhas, cujo plano se encontra nos centros nervosos de cada espécie (Chomsky, in Piattelli-Palmarini, 1979). Do mesmo modo se pode conceber uma predisposição central para produzir e coordenar sinais para-linguísticos.

Sabemos que a produção e a captação da vertente verbal do discurso se referem ao hemisfério dominante, e que as estruturas contra-laterais homólogas dizem respeito ao reconhecimento das faces humanas e apreensão das configurações mímicas (cf., p. ex., Wexler, 1980). Podemos, assim, supor que o hemisfério não dominante emite e interpreta as mensagens não verbais, o fluxo de signos para-linguísticos da conversação, que constituem correlato essencial, em grande parte inconsciente, da linguagem total. Assim se esboça, nesta arquitetura complexa do processo da linguagem, uma relação dialectizável entre dois registos convergentes e integrados da comunicação — o expressivo-emotivo (dependente do hemisfério não dominante) e o verbal (dependente do hemisfério dominante): *o gesto e a palavra*, para retomarmos o título célebre de André Leroi-Gourhan de cuja síntese resulta a linguagem humana, com os seus componentes conscientes e inconscientes.

Deste modo, conforme à interpretação que adoptámos, não se trata de uma simples interacção a dois níveis do comportamento de comunicação, mas de um processo muito complexo, decorrendo em múltiplos planos do psiquismo, com oscilações do nível de participação do Eu e reafirmações partidas da situação relacional em que decorre a comunicação — como agindo sobre teclas de um instrumento orientado desde as camadas profundas do 'aparelho psíquico' até às suas camadas neo-corticais — e resultante da antinomia de acções entre os dois hemisférios. Isto é: o estudo destes comportamentos não verbais que se articulam com a linguagem e nela participam não pode subsumir-se num modelo linguístico, nem num modelo biológico — mas tão somente num modelo integrado em planos diversos, eventualmente de feição 'organo-dinâmica' e abarcável pela Teoria dos Sistemas.

Futuramente, no plano da *Neuro-etologia*, haverá que discriminar de onde e sob que influências partem os influxos nervosos responsáveis pelos para-linguísticos, quais as unidades musculares recrutadas, e quais os seus efeitos sobre a mímica, as suas sinergias e sequências, os tempos entre as séries de signos emitidos, etc. Mas os movimentos elementares são transformáveis em sinais, e estes incorporados (ou não) em configurações globais. Será, assim, absolutamente indispensável, a nosso ver, que essa descrição rigorosa, aferida por técnicas neuro-fisiológicas, das 'unidades de acção' e do processo de formação e transmissão de mensagens (*zoopragnática*, segundo Sebeok, 1975), não perca de vista a intencionalidade subjacente a toda a comunicação, e a totalidade significativa da linguagem, na inter-relação de todos os seus componentes, em planos diversos da vontade, e com os conteúdos verbais e não verbais. O método etológico será assim elucidado, nos dados que obtiver, pela compreensão psicológica das intencionalidades.

Em *conclusão*: Na relação psiquiatra/doente psiquiátrico, em que a tomada de consciência da comunicação não consciente é condição da plena compreensão do Homem doente e da capacidade terapêutica, o conhecimento dos fenómenos para-linguísticos adquire uma importância excepcional. Por outro lado, a sua análise no campo da Psicopatologia abre novos e largos horizontes à investigação. Que transformações qualitativas e/ou quantitativas, em termos de forma, sequência temporal e interacção, podem revestir os fluxos de sinais de um doente durante a entrevista psiquiátrica? Que relação podem manter com um estar-no-mundo particular? Que valor representam tais transformações em termos de compreensão, de diagnóstico, de prognóstico? Que eventuais modificações sofre a gramática do comportamento expressivo em cada uma

das doenças psiquiátricas, mas também nos síndromas, e nas estruturas psicopatológicas básicas da personalidade? Qual o seu grau de especificidade? Que correlações se podem estabelecer entre essas transformações e as alterações cognitivas, conativas, afectivo-pulsionais, etc., subjacentes à situação clínica em que se manifestam? Em que medida são susceptíveis de perturbar a relação com o médico, ou de influir nas próprias respostas inconscientes deste, repercutindo-se no nível da empatia e no destino da relação? Em que grau a psicoterapia, no seu sentido mais lato, se apoia sobre este inconsciente da relação, ignorado do doente e do médico?

À linguagem verbal, consciente (ou pelo menos, normalmente cognoscível) na sua organização, justapõe-se a linguagem não verbal, essencialmente inconsciente, mais próxima dos planos anímico e pulsional do Eu. Ambas intensas, ora concertando os seus meios expressivos, ora desafiando-se e divergindo. Estas duas redes de signos de comunicação constituem um emaranhado complexo, cujos traçados respectivos, em parte sobreponíveis, advêm de níveis diversos da consciência, e são comandados de um e/ou outro dos hemisférios cerebrais. Da sua interacção dialéctica resulta, como síntese, a linguagem total do Homem.

## REFERÊNCIAS

- EKMAN, P. (1977) — «Biological and Cultural Contributions to Body and Facial Movement», in J. Blacking, ed., *ASA, Monograph 15, The Anthropology of the Body*, 39-84, London (Academic Press).
- EKMAN, P. (1979) — «About brows: emotional and conversational signals», in: M. von Cranach, K. Foppa, W. Lepenis & D. Floog, eds., *Human Ethology: claims and limits of a new discipline*, 169-202, Cambridge (Cambridge University Press) & Paris (Editions de la Maison des Sciences de l'Homme).
- EKMAN, P. (1980) — «Asymmetry in Facial Expression», *Science*, 209: 833-834.
- EKMAN, P., FRIESEN, W. V. (1978) — *The Facial Action Coding System*, Palo Alto, Calif.: Consulting Psychologists Press.
- EKMAN, P., FRIESEN, W. V., ANCOLI, S. (1980) — «Facial Signs of Emotional Experience», *Journal of Personality and Social Psychology*, 39 (6): 1125-1134.
- EKMAN, P., ROPER, G., HAGER, J. C. (1980) — «Deliberate Facial Movement», *Child Development*, 51: 886-891.
- EKMAN, P., HAGER, J. C., FRIESEN, W. V., (1981) — «The Symmetry of Emotional Deliberate Facial Actions», *Psychophysiology*, 18 (2): 101-106.
- MASTERS, R. D. (1979) — «Beyond reductionism: five basic concepts in human ethology», in: M. von Cranach, K. Foppa, W. Lepenis & D. Floog, eds., *Human Ethology: claims and limits of a new discipline*, 265-284, Cambridge (Cambridge University Press) & Paris (Editions de la Maison des Sciences de l'Homme).
- PARKER, S. T., GIBSON, K. R. (1979) — «A developmental model for the evolution of language and intelligence in early hominids», *The Behavioral and Brain Sciences*, 2: 367-408.
- PIATTELLI-PALMARINI, M., ed. (1979) — *Théories du langage, théories de l'apprentissage: le débat entre Jean Piaget et Noam Chomsky*, Seuil, Paris.
- SEBEOK, T. A. (1975) — «Zoosemiotics: At the Intersection of Nature and Culture», in: T. A. Sebeok, ed., *The Tell-Tale Sign: A Survey of Semiotics*, 85-95, Lisse/Netherlands (The Peter de Ridder Press).
- VIEIRA, A. B. (1980a) — «Conflitos de motivações e equivalentes animais da ansiedade: elementos para uma teoria etológica dos comportamentos neuróticos», *Psicologia*, 1 (1): 49-63.
- VIEIRA, A. B. (1980b) — «A relação médico-doente numa perspectiva etológica», *Psiquiatria Clínica*, 1 Supl. (1): 13-19.
- WEINER, H. (1980) — «Schizophrenia: Ethiology», in: H. I. Kaplan, A. M. Freedman, B. J. Sadock, eds., *Comprehensive Textbook of Psychiatry/III*, vol. 2, 1121-1152. Williams & Wilkins, Baltimore & London.
- WEXLER, B. E. (1980) — «Cerebral Laterality and Psychiatry: A Review of the Literature», *Am. J. Psychiatry*, 137 (3): 279-291.